

APRESENTA

plateia

N.º 225 ANO XIV  
25 DE MAIO DE 1965

DIRECTOR: BAPTISTA ROSA

EDITOR: ANTÓNIO DIAS

Proprietários:  
AGUIAR & DIAS, LDA.  
Redacção e administração: Rua  
Saraiva de Carvalho, 207 - Lisboa  
- Portugal  
Tels: 67 70 41 - 67 70 42 - 67 70 43  
Comp. e impresso em «off-set»  
e rotogravura nas oficinas de  
Bertrand (Irmãos), Lda.  
Distribuidores: Agência Portu-  
guesa de Revistas, em Lisboa,  
Porto, Luanda e Lourenço  
Marques  
Sai todas as terças-feiras

# ESTARÃO CONDENADAS AO FRACASSO AS TENTATIVAS PARA LEVANTAR O TEATRO EM PORTUGAL?

Passa-se algo de trágico — e o termo está apropriado ao tema — no campo do Teatro. As palavras proferidas no princípio da temporada pelos responsáveis das companhias mais recentes eram optimistas, cheias de confiança no próprio trabalho e esperança de o ver compreendido e recompensado; lembram agora um pouco aquilo que acontece aos aprendizes de feiticeiro: fazendo das fraquezas forças, desencadeiam energias que dificilmente depois controlam.

Olhando de fora, como nós, todos os esforços dispendidos, não podemos deixar de reconhecer-lhes uma certa grandeza. De facto, sem estímulos que não sejam os erguidos pela vontade e pelo ideal, os resultados artísticos ultrapassam os previstos.

Mas entre o desejo de vencer e tudo quanto está colocado no caminho a obstá-lo, há um desnivelamento que a força de vontade, exercida sobre fracas avançadas, dificilmente, se não mesmo sem ponta de possibilidades, será suficiente para o transpor.

Estimando a vida de Teatro que se exerce em Portugal com a da França, a comparação é extremamente desvantajosa para nós e, no entanto, o arranque já histórico que o lionês Roger Planchon deu ao Teatro foi considerado como a «salvação do Teatro em França!» Isto porque em poucos anos, Planchon deu uma fisionomia nova a Lyon — transformando uma cidade indiferente ao Teatro numa cidade onde o Teatro é agora moeda corrente na vida quotidiana. Planchon pôde apelar para o povo, falou-lhe em todos os lados onde se encontrava — nas fábricas, nas ruas, nas colectividades e até nas tabernas. Teve apoios, inclusivamente da própria municipalidade, aliás indispensáveis, no sentido de contactar com as pessoas da cidade, onde quer que estivessem, e na possibilidade de apresentar um repertório, de princípio ao fim sem pelas nem cedências.

Nem é bom sonhar, tentar realizar aqui uma

campanha como a de Planchon. Não sendo, pois, viável fazê-lo, o Teatro, continuando sem público, não viverá.

Gasta-se dinheiro e energias sem proveito nem glória que não sejam, remando contra uma maré cada vez mais triturante, espalhar pela areia os despojos da dignidade.

As grandes épocas do Teatro existiram quando nada obstava à comunhão entre o palco e o público. Shakespeare moldou a sua extraordinária obra trabalhando sobre o tablado como actor e sentindo desse modo as reacções do público. Este conhecia os seus gostos, as suas virtudes e os seus defeitos também. Além disso, a Inglaterra vivia um período onde o optimismo reinava em todas as classes. A época de ouro do Teatro espanhol deve-se a nomes como Lope de Rueda, Lope de Vega, Calderon de la Barca, etc., autores de produção abundante — só Lope de Vega escreveu à volta de 1500 peças. E porquê? Apenas porque eram muito representados e populares, consequência do conhecimento que tinham da vida e da alma do povo espanhol.

Voltemos, porém, ao caso singular do nosso Teatro.

Sem uma tradição que o imponha, ele tem, justamente, numa altura em que nada o favorece, muito quem o sirva. Talvez que a forma como o fazem não seja, no nosso entender, a mais adequada. Recordamo-nos do que disse o grande encenador inglês Peter Brook: «É preciso criar uma fome», isto é, é preciso que as pessoas sintam necessidade de ir ao teatro quase como a de comer, senão elas não irão lá. Uma discussão à volta deste tema, levar-nos-ia longe, mas no essencial, estamos com Peter Brook.

Só junto do público o Teatro pode sobreviver e, para isso, é fundamental que preencha a sua lacuna espiritual e de cultura cada vez maior.